



## **GEOGRAFIA DO GÊNERO E DAS SEXUALIDADES: PRODUÇÃO E ANÁLISE DE TESES E DISSERTAÇÕES DE GEOGRAFIA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS DO NORDESTE**

Ana Carolina Figueiredo Silva <sup>1</sup>  
Ewerton Maurício dos Santos <sup>2</sup>  
Ítalo D'Artagnan Almeida <sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este artigo se debruça sobre a produção de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Geografia que possuam debates sobre as questões de sexo, gêneros e sexualidades, transversalmente as elaborações com as principais categorias do pensamento geográfico (espaço, paisagem, lugar, território e região) contidas nos repositórios das nove principais universidades do Nordeste brasileiro. A fim de averiguar a quantas se desdobram a produção dessas pesquisas, junto à análise dessas produções com as categorias balizadoras da Geografia, sistematizamos por meio de uma pesquisa quali-quantitativa essas produções, criando categorizações entre os dois campos de estudo e nos utilizando, posteriormente, de uma análise de conteúdo que nos instrumenta uma observação crítica entre essas categorizações. Como resultado, observamos a concentração da produção em poucas universidades, em especial na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), se aglomerando na categoria geográfica do “território”, e na categoria de gênero e sexualidades “gênero”.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidades; Território; Nordeste; Epistemologia.

### **RESUMEN**

Este artículo se centra en la producción de tesis y disertaciones de posgrados en Geografía que atraviesan los temas de sexo, género y sexualidades, de manera transversal a elaboraciones con las principales categorías del pensamiento geográfico (espacio, paisaje, lugar, territorio y región), contenidas en los repositorios de las nueve principales universidades del Nordeste de Brasil. Para conocer cuántas de las producciones de estas investigaciones se despliegan, junto con el análisis de estas producciones con las categorías orientadoras de la geografía, sistematizamos la cantidad de producciones en este contexto, creando categorizaciones entre los dos campos de estudio y utilizando, posteriormente, un análisis de contenido que nos proporciona una observación crítica de estas categorizaciones. A consecuencia, observamos la concentración de la producción en unas pocas universidades, en particular en la Universidad Federal de Paraíba (UFPB), agrupando en la categoría geográfica de “territorio”, y en la categoría de género y sexualidades “género”.

**Palabras clave:** Género; Sexualidades, Territorio, Noreste, Epistemología.

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, bolsista CNPQ, carolfigueiredos@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestrando pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, ewertu@outlook.com.

<sup>3</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, dalmeida.italo@gmail.com.



## INTRODUÇÃO

A Geografia brasileira ainda sofre com a escassez discursiva sobre as temáticas feministas, de gênero-sexo-sexualidades e seus/as/xs sujeitos/as/xs, na contramão da produção mundial. Apesar das estruturas moderno-coloniais da epistemologia e ontologia da ciência geográfica (SILVA *et. al*, 2013), importante sistema na compreensão dessa invisibilidade, se desdobram a nível global as possibilidades de análises geográficas tangidas por epistemologias feministas, estudos de gênero, sexualidades e dos sistemas sexo-políticos nos diversos territórios mundo a fora (BUTLER, 2011; SILVA *et. al*, 2013; HUIZINGA e VAN HOVEN, 2020; KILOMBA, 2020). Diante deste cenário, Silva, Cesar e Pinto (2015), a partir da análise dos conteúdos disciplinares que envolvem a discussão de ‘Epistemologia da Geografia’ nos cursos de Pós-Graduação em Geografia nas universidades brasileiras, constata a escassez das chamadas ‘Geografias Feministas’ em suas ementas.

Assim, neste trabalho, visamos verificar a presença das temáticas de gênero e sexualidades nas teses e dissertações publicadas pelas principais universidades federais do Nordeste<sup>4</sup>. Trabalhamos com as produções dos últimos onze anos (2010-2021) dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e de Desenvolvimento e Meio Ambiente<sup>5</sup>. A região escolhida se deu pela familiaridade dos/a autores/autora estarem cursando Pós-Graduação, pesquisando as temáticas de gênero e sexualidades pela Federal de Pernambuco (UFPE) e vivendo as dinâmicas geográficas de gênero e sexualidades nesta região.

Objetivamos analisar a produção das pesquisas com temáticas dentro do campo geográfico que tangem temáticas feministas, de gênero, sexo e sexualidades, observando quali-quantitativamente a produção. Dessa forma, traçaremos os pontos de tangência entre as categorias utilizadas nesses âmbitos de produção do conhecimento.

---

<sup>4</sup>Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Alagoas (UFAL), Universidade Federal do Sergipe (UFS) e Universidade Federal da Bahia (UFBA).

<sup>5</sup> Este programa de pós-graduação foi escolhido, pois é o segundo programa mais acessado por estudantes graduados em Geografia na região Nordeste brasileira.



Fomos, assim, metodologicamente guiados por uma sistematização e análise da produção de pesquisa catalogadas no portal da CAPES e dos repositórios das nove universidades supracitadas, constituindo uma pesquisa bibliográfica sobre o tema dentro do intervalo temporal dos últimos onze anos. Os dados foram tratados quantitativamente segundo critérios classificatórios. As teses e as dissertações foram organizadas em elementos correlatos, a fim de estabelecer levantamentos estatísticos para a elaboração quali-quantitativa dos resultados e discussões.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, realizada em teses e dissertações dos Programas de pós-graduação em Geografia ou Desenvolvimento e Meio Ambiente, nos repositórios online das universidades supracitadas ou no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Investigou-se trabalhos que tivessem sido publicados entre os anos de 2010 e 2021<sup>6</sup>, que possuam como tema, palavra-chave e/ou título as palavras Gênero/s, Feminismo/s, Sexualidade/s, LGBTQIAPN+<sup>7</sup> e suas variações, Patriarcado, Homofobia, Transfobia/Transgênero/Travesti e Mulher(es).

As teses e as dissertações foram organizadas em elementos correlatos, a fim de estabelecer levantamentos estatísticos para a elaboração quali-quantitativa dos resultados e discussões. A partir da seleção dos trabalhos, os dados da pesquisa foram tabulados e organizados dentro dos seguintes critérios: Base de dados acessada, Universidade, Nível de pós-graduação, Programa de Pós-graduação, Ano de defesa, Título, Resumo, Autor/a, Palavras-chave, Link de acesso, Categoria geográfica (Espaço, Região, Território, Lugar), categorias como gênero e sexualidades (mulheres, LGBTQIAPN+ e suas variações, feminismo, transfobia etc).

No caso dos dois últimos dados, utilizamos do método de análise de conteúdo sistematizado por Bardin (2015), que evidencia a ausência e/ou presença de um determinado conteúdo ou característica. Essa pesquisadora sugere dois tipos de

<sup>6</sup> Até a presente data de envio deste artigo.

<sup>7</sup> Acrônimo para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis/Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo, Assexual/Arrômantico/Agênero, Pansexual/Polissexual, Não-binárias e demais vivências.



abordagens, uma para dados qualitativos, e outra para quantitativos. Nas pesquisas qualitativas, o referencial é a presença ou a ausência de características de um dado fragmento, ao passo que nos estudos quantitativos, o referencial é a frequência (dados estatísticos) com que aparecem determinadas características do conteúdo.

Com isso, para a análise das teses e dissertações, utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 2015), a qual refere-se a inferência direta e de conhecimento relativos; e também a análise do texto na íntegra para obter informações mais completas para evidenciar dados fidedignos para a construção da análise (MEGID, 1999). Nesse sentido, foram analisados os resumos das teses e dissertações selecionadas, com o intuito de verificar os conjuntos de categorias relacionadas como as categorias geográficas – lugar, paisagem, território, espaço, região – e de gênero e sexualidades elencadas pelos/a autores/a deste artigo: gênero, mulher, sexualidades, transexualidade, feminismo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo de interseccionalidades entre Geografia e as temáticas feministas, sexo, gênero e sexualidades é algo recente na história da ciência geográfica brasileira, principalmente se comparado a produção em outros polos globais do conhecimento, tal como a Geografia anglo-saxã. Nesse sentido, nasce no bojo das teorias feministas, de gênero e *queer*, uma 'perturbação' a partir da década de 90, com um questionamento clássico de Judith Butler (1990), onde os limiares das concepções de gênero começam a ser borrados, visto a dualidade de gênero pautada pelo movimento feminista radical.

Ao debruçar-se sobre o interior complexo dessa discussão, Hubbard (2018) nos alerta que os estudos geográficos que tem por finalidade as questões do sistema político-social de sexo, sexualidades e gênero. Com isso, observa-se que as pesquisas têm um olhar eurocêntrico e imperialista, que frequentemente ignoram a formação das identidades para além das grandes localizações metropolitanas, dando a entender que não só a produção do conhecimento geográfico sobre o tema está geograficamente localizada, mas se dão em um contexto geográfico de sujeitos/as extremamente situados, vivendo em grandes capitais/metrópoles.



Assim, os desdobramentos desses estudos ao redor do mundo, possibilitaram entender as especificidades geográficas das construções de gênero, sexo e sexualidades ao redor dos territórios e suas condições espaço-sociais (JOHNSTON, 2016). Queremos, assim, elucidar que as dinâmicas de gênero, sexo e sexualidades as quais se inscrevem em diferentes territórios, lugares, regiões etc, sofrem diferenças geográficas circunstanciais, pois os sistemas que compõem essas espacialidades, têm arranjos socio-técnicos desiguais e cooparticipam da elaboração espaço-tempo tendendo à excepcionalidade (BUTLER, 1990).

É preciso ter igual esmero no tratamento desses temas no que diz respeito à diversidade que se apresentam no interior dessas discussões. Johnston (2016), nos alerta que as temáticas de sexo, gênero e sexualidades, ou dos sistemas geográficos sexo-políticos, precisam levar em consideração que os corpos no interior desses temas estão predispostos a subjetividades complexas, por exemplo, a sigla LGBTQIAPN+, que hoje comporta ainda mais designações, como a inserção do sinal de mais (+) destaca que as vivências espaço-sociais não podem ser tratadas como um bloco monolítico. Dentro desse complexo arranjo faz-se necessário, igualmente, compreender a não unidade dentro das categorias de gênero, visto que há inconsistências em criar um ‘sujeito’ ideal feminino que representa todas as mulheres. Isso é afirmado, pois dentro dessa denominação existem questões da binariedade a serem superadas, questões raciais que constituem diferentes teorias feministas, e não menos importantes, questões geográficas que podem inutilizar o conceito de ‘mulher’ dependendo, por exemplo, da constituição legislativa no núcleo territorial (BUTLER, 1990; BONDI, 1992).

É nessa premissa que seguimos o rastro das produções das Pós-Graduações em Geografia e áreas correlatas, tangentes as questões feministas, de gênero, sexo, sexualidades e suas organizações espaço-políticas nas principais universidades do Nordeste, a fim de traçar um horizonte dessas elaborações. Apesar de ser um campo de grande abrangência e relativa formação histórica, tal como a ‘Geografia Crítica’, o espaço dado aos debates feministas nas Ciências Geográficas é ínfimo. Além dessas ausências no debate geográfico, compreendemos que a temática que abrange gêneros e sexualidades é crucial na formação da licenciatura, bacharelado e pós-graduação na Geografia, pois este tema tem o poder de emancipar socialmente os mais diversos



grupos subalternizados. Portanto, criam trajetórias de seus lugares de opressão e articulam alianças políticas, acadêmicas só possíveis por meio de percursos acadêmicos bem estruturados (BUTLER, 2011).

## **BREVE HISTÓRIA DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO FAZER GEOGRÁFICO**

Por meio de argumentos fundamentados nas diferenças sexuais e corporais do indivíduo, enraizou-se na sociedade, de modo opressor e cultural, o que é ser homem e o que é ser mulher, respectivamente os seus devidos papéis. Nesse sentido, o gênero, ubiquamente debatido a partir da década de 70, construção social, onde os sujeitos coparticipam de sua construção, o que configura e sujeita o comportamento por meio de padrões fixos na complexidade binária do feminino e do masculino, negando às demais existências, engendra-se por meio de condutas, comportamentos, atitudes e ‘valores’ morais de base patriarcal. Para tanto, a discussão de gênero e suas pluralidades é enraizada no debate existencial, principalmente quando compreendida sob a instituição política do corpo (BUTLER, 2011).

O conceito de gênero que se pluraliza nas discussões das Ciências Sociais, principalmente, no embate político do movimento feminista e das minorias na década de 70, contemporaneamente apresenta-se por meio de diversas epistemes de ordem teórica. Pode-se acreditar que a construção deste conceito permeia uma organização social/cultural baseado na anatomia, focando principalmente na genitália, sendo precípua, visto que distingue-se entre “macho” e “fêmea” no caráter biológico, porém, “homem” e “mulher” no contexto sociocultural (MONEY, 1955; GROSSI, HEIBORN e RIAL, 1998).

Apartir das elaborações densas da teoria feminista crítica ao longo do século XX, na chamada “Segunda Onda do Feminismo” (1960 - 1980) - na Europa e Estados Unidos - é que as relações de gênero ganham escopo a ponto de desestabilizarem a naturalidade imposta pelo sistema de sexo-gênero vivido na modernidade. A feminista francesa Simone de Beauvoir em “O segundo sexo” (1980) declara "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher (1980, p. 09)", o que fomenta um exemplo da mudança nas



concepções das relações de gênero como uma estruturante pós-discursiva, principalmente na “condição feminina”.

Para tanto, concebe-se o sistema de gênero como relações de poder, que inspiram a ação de geógrafas na década de 70, com o intuito da construção de uma igualdade entre mulheres e homens; desafiar conceitos e epistemes andro-hegemônicas e centralizar as discussões geográficas sobre as mulheres e as suas relações (MCDOWELL, 1999; SILVA, et al., 2013). Nesse sentido, faz-se os seguintes questionamentos: Quais sujeitos (as), instituições etc. compõem as relações de poder no bojo desse sistema de gênero? Como a geografia ampara as leituras e ajuda a elucidar esses nexos?

Assim, consoante Millet (2000), a falta de discurso, de figuras e teorias políticas que apresentem essas relações de poder por meio de raças, castas, sexo e classes dentro das estruturas políticas patriarcais e tradicionais colocariam em evidência a constituição patriarcal, sexista, machista, religiosa, anglófona e branca das relações de poder por meio de sistemas de valores. Para tanto, os estudos de Michel Foucault em sua trilogia “A história da sexualidade,” de 1976 a 1984, permeia a hegemonia das relações de poder, seu exercício em sociedade e sua tendência a homogeneização nas sociabilidades, no que se diz respeito ao gênero e às sexualidades geograficamente difundidas. Por isso, tanto Beauvoir (1967) como Foucault (1976) trouxeram à tona a discussão sobre gênero, comportamento e orientação sexual nos espaços sociais, visto que, o espaço ganha proeminência na compreensão das relações de gênero e sexualidade..

Dessa forma, discutir a relação entre Geografia e estudos sobre gênero e sexualidade é algo recente na academia, principalmente, no Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE) que apenas em 2015 introduziu o Grupo de Trabalho (GT) - Geografia e Diversidade: gênero, sexualidades, etnicidades e racialização, explorando assim as teorias metodológicas deste debate (RATTS *et al*, 2016). Esse GT rompe com as abordagens tradicionais da academia enraizada em uma tradição epistemológica anglófona.

De acordo com Ratts *et al* (2016) existe uma hegemonia e percepção masculina nas estruturas organizacionais, que repercutem na produção geográfica brasileira caracterizando-a como uma Geografia androcêntrica. No entanto, a incorporação das



Geografias transgressoras rompem com o tradicionalismo epistemológico, porém, ainda não traz a visibilidade que necessitam as minorias excluídas (ACKERLY e TRUE, 2010; apud RATTS *et al.*, 2016). Em seu livro *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade* (2009), Joseli Maria Silva, nos traz a subversão como uma perturbação a instituição andro-eurocêntrica hegemônica, dando voz a emergência não-hegemônica, promovendo visibilidade as mulheres e homossexuais, indígenas, negros, crianças e adolescentes, visto que, na historiografia da Geografia brasileira existe um silenciamento desses grupos (2009, p. 15).

Nesse sentido, os estudos de gênero e sexualidade na Geografia, fazem-se necessários para a identificação de injustiças sociais, desnaturalização e desestruturação das estruturas de poder. A ampliação de novas vertentes, questionamentos e recortes de grupos marginalizados, renovam epistemes, ontologias, métodos de análise e fontes de pesquisa anteriormente negligenciadas pela ciência geográfica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após pesquisa bibliográfica nos bancos de teses e dissertações das universidades em análise mais do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, e posterior organização dos dados, foi possível constatar 37 trabalhos que apresentaram as temáticas de Gêneros e Sexualidades. Cabe também ressaltar um ponto de atenção deste artigo, que foi o fato de utilizarmos inúmeras bases de dados para investigar os trabalhos já publicados, pois houve uma divergência do número de pesquisas disponíveis em cada uma delas. Diante disso, o resultado final foi um somatório das bases, sendo retiradas as repetições de trabalhos para que aparecessem todos aqueles que realmente foram divulgados por cada universidade.

Com isso, destacamos quais Programas de Pós-graduação estão no centro da produção acadêmica sobre a temática. Nesse sentido, fizemos a análise dos Programas de Pós-graduação em Geografia, os de Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente e os de Desenvolvimento em Meio Ambiente (ver Tabela 01).



<b>PROGRAMA</b>	<b>UF</b>
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente	12
Programa de Pós-graduação em Geografia	23
Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente	2
<b>Total geral</b>	<b>37</b>

Fonte: Banco de Teses e Dissertações das UFs e Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (2021)

Diante dessa tabela, foi possível verificar uma maior concentração das teses e dissertações em Programas de Pós-graduação em Geografia (23), seguido pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (12), e o Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento em Meio Ambiente (2), caso específico na UFRN. Deste modo, sistematizamos e relacionamos esses números com as UFs. Assim, a Tabela 02 nos trás em quais Universidades estão localizadas as produções de teses e dissertações coletadas por esta pesquisa.

<b>UF</b>	<b>Dissertação</b>	<b>Tese</b>	<b>Total geral</b>
UFAL	0	0	0
UFBA	6	0	6
UFC	4	1	5
UFMA	0	0	0
UFPB	12	1	13
UFPE	3	0	2
UFPI	1	1	2
UFRN	2	0	2
UFS	4	2	6
<b>Total geral</b>	<b>32</b>	<b>5</b>	<b>37</b>

Fonte: Banco de Teses e Dissertações das UFs e Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (2021).

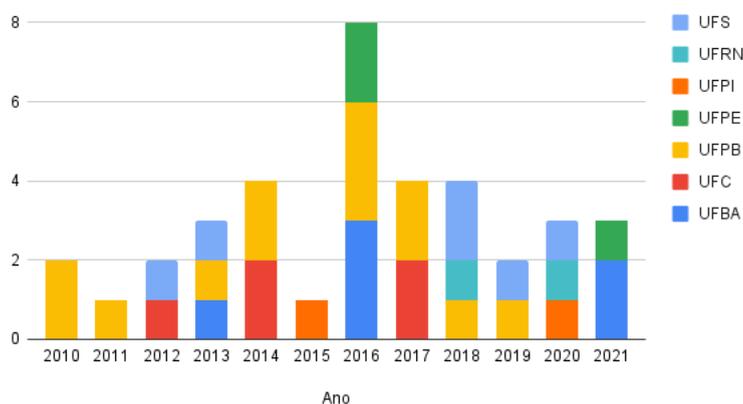
Com base nos dados (Tabela 02), é possível notar que a UFPB concentra cerca de 35% de toda a produção de teses e dissertações geográficas com as temáticas de Gêneros e Sexualidades em toda a região Nordeste, no período de tempo proposto por nossa sistematização (2010-2021), sendo desse total uma (1) tese, e doze (12)



dissertações. Lindo (2021) também levantou uma quantidade semelhante de trabalhos na UFPB, fundamentando a importância da Universidade Federal da Paraíba como referência no Nordeste das produções geográficas transversais às temáticas de Gênero e Sexualidades. Logo em seguida, aparecem a UFBA e a UFS, ambas com 6 trabalhos, respectivamente 6 dissertações e 4 dissertações e 2 teses catalogadas. Posteriormente, a UFC com 5, sendo 4 dissertações e 1 tese. A UFPE com 3 dissertações, a UFRN com 2 dissertações e a UFPI, com 1 dissertação e 1 tese catalogadas completam a produção de pesquisas. A UFAL e a UFMA não apresentaram, segundo nossos critérios metodológicos, nenhuma pesquisa catalogada de pós-graduação nas temáticas de Gênero e Sexualidades.

É notável observar, também, o número de trabalhos nas UFs por ano, a fim de apurar se há uma certa frequência ou descompasso temporal no aparecimento dos temas (ver Gráfico 01).

**Gráfico 01 - Número de trabalhos das pós-graduações nas UFs por ano (2020-2021)**



Fonte: Banco de Teses e Dissertações das UFs e Catálogo de Teses e Dissertações CAPES

Baseado no Gráfico 01, no intervalo de tempo compreendido entre 2010 e 2021, podemos observar que a UFPB é a instituição com melhor distribuição temporal na produção de trabalhos, revelando teses e dissertações publicadas ao longo de 8 anos: 2010, 2011, 2013, 2014, 2016, 2017, 2018 e 2019, com números em cada ano, respectivamente, 2, 1, 1, 2, 3, 2, 1 e 1. A UFBA, apresentou trabalhos nos anos de 2013 (1), 2016 (3), 2021 (2). A UFS publicou trabalhos em 2012 (1), 2013 (1), 2018 (2) e 2020 (1).

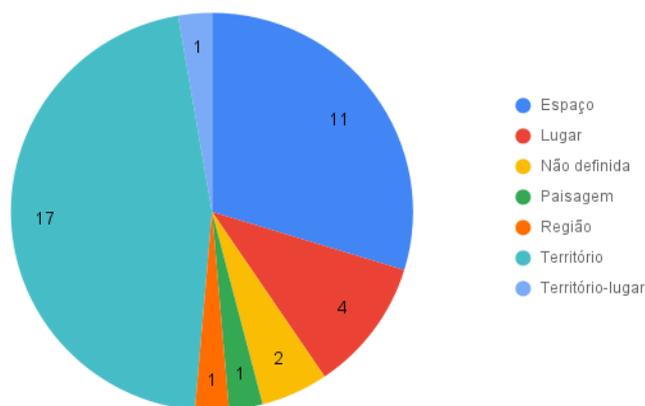


A UFRN teve publicações mais recentes – 2018 (1), 2020 (1) e 2021 (1) – não apresentando apenas publicações em 2019. A UFPI apresentou uma dissertação em 2015 e uma tese em 2020. Enquanto que a UFPE trouxe dissertações durante os anos de 2016 (2) e 2021 (1) e a UFC nos anos 2012 (1), 2014 (2) e 2017 (2).

Evidencia-se, portanto, que houve uma expressiva presença de trabalhos durante o ano de 2016, somando um total de oito (8), em uma diversidade de três instituições de pesquisa: UFPB, UFPE e UFBA. Além disso, nota-se uma publicação de trabalhos relevantes durante o presente ano de 2021 (até o envio deste artigo). Durante este ano, foram apresentados quatro trabalhos, entre teses e dissertações. No entanto, não houve uma frequência de trabalhos na área da geografia dos Gêneros e das Sexualidades. Por isso, necessita-se de uma averiguação mais minuciosa do conteúdo das disciplinas ministradas nas universidades que venham a trazer essa temática da Geografia, em especial as bases epistemológicas evidenciadas e discutidas com estudantes de graduação e pós.

Por meio da análise de conteúdo dos resumos das teses e dissertações, foi possível descobrir a categoria geográfica utilizada como núcleo significativo da pesquisa. Acreditamos na importância de se perceber a categoria significativa nas investigações, pois desenham o horizonte da produção geográfica e abordagens nas áreas dos Gêneros e Sexualidades. Esses valores foram ilustrados no Gráfico 02.

**Gráfico 02 - Categorias geográficas encontradas nas Teses e Dissertações das UFs pesquisadas**



Fonte: Banco de Teses e Dissertações das UFs e Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (2010-2021).

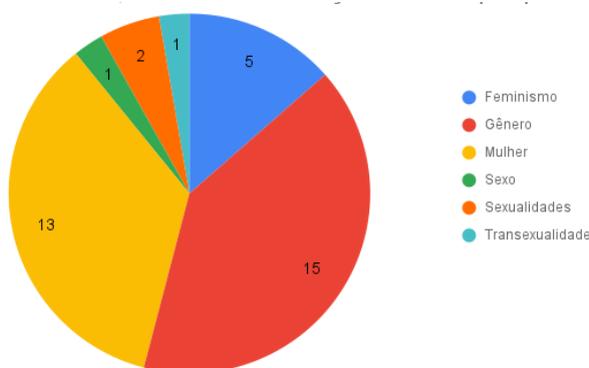
No Gráfico 02, observa-se nas produções das nove UFs do Nordeste pesquisadas que o “território” é a categoria que guia epistemologicamente, um maior



número de produções, totalizando dezessete trabalhos. Logo em seguida, o uso da categoria “espaço” ganha proeminência, sendo trabalhada por onze trabalhos, entre teses e dissertações, seguido pelo manuseio da categoria “lugar”, argumento central em quatro produções. Há dois trabalhos, que após análise dos/as autores/as, não se encaixaram nos critérios metodológicos classificatórios deste artigo, pois a categoria geográfica principal não se aplicava nas nossas circunscrições. Isso não os desclassificam de serem trabalhos geográficos, reiteramos que suas afinidades estavam dentro do campo educacional. Já para as categorias “paisagem”, “região” e “território-lugar<sup>8</sup>” foram catalogadas um trabalho para cada.

Em relação às categorias associadas aos debates de Gêneros e Sexualidades, para o desenvolvimento metodológico das análises de conteúdo, foi possível relacionar seis delas: “Gênero”, “Mulher”, “Feminismo”, “Sexualidades”, “Transsexualidades” e “Sexo” (vide Gráfico 03).

**Gráfico 03 - Distribuição setorial das categorias de Gênero e Sexualidades em teses e dissertações das UFs pesquisadas**



Fonte: Banco de Teses e Dissertações das UFs e Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (2010-2021).

Diante da análise dos resultados apresentados no Gráfico 03, notou-se que a categoria “Gênero” apareceu em quinze publicações, seguido da categoria “Mulher”, abordada em treze pesquisas. Os trabalhos relacionados a essas duas categorias anteriores estão, sobretudo, inferidas nas temáticas que abordam o espaço agrário, visto que evidenciam-se as relações de gênero, muitas vezes conflituosas, as mulheres em papéis de protagonismo social e suas organizações em coletivos como sindicatos,

<sup>8</sup> Categoria que representa uma ideia de território e lugar ao mesmo tempo.



cooperativas e associações, promovendo agroecologia e a importância dessas sujeitas como agentes de conservação e da gestão das águas, particularmente no semi-árido. Podemos citar aqui como exemplo a dissertação intitulada “*Cultivo de diferentes genótipos de cártamo em campo e papel da mulher na agricultura familiar do semiárido nordestino*” (UFRN) e a denominada “*As mulheres quilombolas na Paraíba: terra, trabalho e território*” (UFPB).

A seguir, a categoria “Feminismo” é encontrada em cinco teses e dissertações. Houve a criação dessa categoria, especificamente, uma vez que apresentam-se alguns conceitos da teoria feminista, os quais promovem a classificação da categoria enquanto “Feminismo” e não mais como categoria “Mulher” como, por exemplo, a divisão sexual do trabalho, o ecofeminismo, o empoderamento feminino entre outras. Nesse sentido, podemos trazer o trabalho designado “*Saberes tradicionais, mudanças ambientais e o empoderamento feminino no entorno de uma unidade de conservação brasileira*” (UFPI) mas também a tese: “*A espacialização da luta das mulheres camponesas em Sergipe: feminismo e resistência*” (UFS), como exemplo dessas categorizações.

Catalogados pela categoria “Sexualidade”, aparecem dois trabalhos, cujas temáticas apontam para a docência de professores gays e lésbicas do ensino de Geografia, bem como os territórios marginais no centro de Salvador. Respectivamente nos trabalhos: “*Vivências Docentes de Professores Gays e Lésbicas no Ensino de Geografia em Escolas de Educação Básica*” (UFPB) e “*Errância dos desejos: Territórios e sujeitos marginais no centro da cidade do Salvador*” (UFBA).

Optou-se metodologicamente por trazer a categoria da “Transexualidade”, que é ordenada em uma única dissertação, para evidenciarmos a baixa quantidade de produções que abarcam as relações de pessoas trans/travestis na geografia. O trabalho apresentado – “*Princesas do sertão: o universo trans entre o espelho e as ruas de Feira de Santana-BA*” (UFBA) – mostra o caso da prostituição trans na cidade de Feira de Santana, Bahia, indicando a territorialidade da prostituição de transgêneros como uma das poucas alternativas de trabalho que são relegadas a elas no contexto brasileiro.

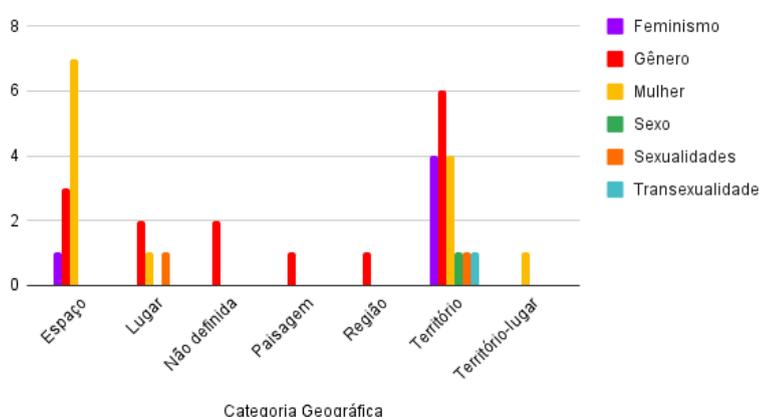
Por fim, encontrou-se uma dissertação que debateu a categoria “Sexo”: “*Poder e sexo: uma análise dos territórios de prostituição no Centro de Campina Grande-PB*” (UFPB), discute-se sobre a importância das relações de poder no ambiente urbano as



quais promovem a manutenção, a expansão e a conquista de espaços de prostituição nas cidades, onde ressalta o município de Campina Grande - PB como centro dessa geografia.

Outra escolha analítica bastante significativa para os/a autores/a foi estabelecer a correlação entre as categorias de gênero e sexualidades e as categorias geográficas (Gráfico 04). Dessa maneira, a correlação, nos revela quais categorias geográficas têm se arranjado, combinado com as categorias de gêneros e sexualidades predeterminadas por nossa pesquisa.

**Gráfico 04 - Categoria Gênero e Sexualidades X Categoria Geográfica**



Fonte: Banco de Teses e Dissertações das UFs e Catálogo de Teses e Dissertações CAPES (2010-2021)

Podemos observar, no Gráfico 04, que a categoria no âmbito geográfico “Território” foi a que mais apresentou relação com as categorias nos estudos de gênero e sexualidades, obtendo-se relevância a todas elas. Podemos ver uma tendência maior em relação às categorias “Gênero” e “Feminismo”, a primeira delas versando as questões de resistência das mulheres no território, bem como as principais contradições existentes entre os diversos gêneros como na tese “*Mulheres pescadoras - mulheres Mangabeiras: o desvelar das territorialidades das extrativistas em Indiaroba/SE*” (UFS).

Em relação à categoria “Feminismo”, nota-se o diálogo com a categoria geográfica “Território”, onde centra-se processos da afirmação da busca pela igualdade de oportunidades, de divisão sexual do trabalho e pelo empoderamento das mulheres,



por exemplo, a dissertação nomeada *“Relações de gênero e sustentabilidade com mulheres catadoras de materiais recicláveis em uma Associação em Natal/RN”* (UFRN).

Além disso, 80% dos trabalhos da categoria “Feminismo” estão diretamente ligados às questões territoriais, como aponta a correlação com o uso de “território” como categoria geográfica nesses trabalhos. Ao demarcar as relações de poder existentes nos trabalhos categorizados como “Sexo”, 50% deles, e “Transexualidade”, o único trabalho dessa categoria, são expressos na categoria geográfica “território”.

No que se refere à categoria geográfica “Espaço”, houve trabalhos publicados que traziam relação com a categoria “Feminismo”, por exemplo, *“Invisibilidade Socioespacial e Direito à Cidade: Reflexões sobre o Plano Municipal de Políticas para as Mulheres de João Pessoa - PB, 2013 - 2016”* (UFPB). Três produções apresentaram vínculo com a categoria “Gênero”, sendo uma delas debatida diretamente o conceito espaço proposto por Milton Santos: *“Um estudo dos circuitos da economia urbana na indústria confeccionista do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia.”* (UFC). Ademais, sete teses e dissertações apresentaram a correlação entre a categoria espaço e “Mulher”, uma delas trouxe a discussão das casas de sementes crioulas como estratégia de resistência da mulher camponesa: *“Casas de sementes comunitárias: estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa”* (UFC).

A partir da categorização geográfica enquanto “Lugar”, dois trabalhos categorizados enquanto “Gênero”, com especial atenção para um deles que mostra como as raizeiras têm uma especial ligação com os biomas onde atuam, exemplo na preservação da caatinga, *“Dinâmica e transmissão cultural do conhecimento etnobotânico em uma comunidade rural da região semiárida da Paraíba”* (UFPB). O lugar também se entrecruza com a categoria “Mulher” ao fazer a relação entre o lugar de vida e o trabalho de mulheres pescadoras no Sergipe por meio da dissertação: *“Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal”* (UFS).

Somente selecionamos um trabalho relacionado à categoria geográfica "Paisagem" que se refere à categorização “Gênero”. Este discorre sobre a análise da percepção ambiental do gênero feminino, realizando uma comparação com como os homens a fazem. Isso aparece na dissertação nomeada *“Análise da percepção ambiental na comunidade Apiques (Itapipoca/CE): Um enfoque de gênero”* (UFC).



Além disso, podemos relacionar um trabalho classificado metodologicamente como pertencente à categoria "Região", relacionando-se à categoria "Gênero". Isso é afirmado, pois a dissertação referida traz características de mulheres da região Nordeste como cerne – *"Parar um minuto, olhar para trás e seguir adiante": organização de mulheres do MST no assentamento 10 de Abril*" (UFC), onde dimensiona-se o sujeito social feminino em comparação ao masculino em busca de uma organização delas no assentamento 10 de abril.

Por último, encontramos o trabalho: *"Mulheres que "botam banca" na feira de Euclides da Cunha/BA"* (UFS), no qual se organiza sobre uma perspectiva geográfica onde se inter relacionam as categorias território e lugar, trazendo uma nova categoria classificada por nós como território-lugar. Isso porque a relação de pertencimento dessas mulheres com as feiras e seus produtos oferece também uma territorialidade baseada metodologicamente na descrição dos sentidos delas, ao mesmo tempo que em relação às categorias de gênero e sexualidades escolhidas é classificada enquanto "Mulher".

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O bojo da produção acadêmica das universidades investigadas por essa pesquisa revela que o território segue sendo uma categoria de análise de suma importância na compreensão das geografias feministas, de gênero e sexualidades. Seu potencial nesses estudos se revela, em partes, por resgatar as manifestações concretas das estruturas de poder que produzem espacialidade, observando que o espaço é lugar de disputas históricas de corpos subalternizados pela produção hegemônica, e o conflito entre a subalternização/resistências e as tendências de hegemonização, se transcreve territorialmente.

Nisso, verificou-se uma tímida produção de pesquisas que trouxeram os Gêneros e as Sexualidades como principal foco de análise da Geografia nas universidades nordestinas pesquisadas. Entretanto, a UFPB apresentou-se como uma exceção, visto que apresentou 13 teses e dissertações, e segundo Lindo (2021), cuja pesquisa trouxe uma análise das teses e dissertações nacionalmente, é uma referência para as universidades brasileiras. Portanto, consideramos a UFPB como a principal referência



de universidade nordestina para se pesquisar as temáticas de Gêneros e Sexualidades na Geografia.

Ademais, há pouquíssimas pesquisas que debatem a transexualidade, sendo encontrado somente uma dissertação (2016), publicada no repositório da UFBA. Muito disso pode estar relacionado aos históricos silenciamentos e estigmas em relação ao tema, à baixa quantidade de estudantes trans/travestis nas universidades, e ao pouco interesse dos departamentos dos pesquisadores em dialogar com a temática. Ressalta-se que são hipóteses as quais carecem de uma investigação própria.

Concomitantemente, constata-se que a temática cuja discussão traz os debates entre as representações de Gênero e suas diferenças entre homem e mulher, são marcadas pela ênfase no espaço agrário e às organizações sociais que buscam a emancipação das mulheres como associações, grupos de discussão e de diálogo entre essas sujeitas. Fato esse que demarca o espaço agrário como o principal deles para a temática do Gênero.

Portanto, salienta-se que não existe uma frequência anual de trabalhos publicados nas universidades nordestinas, cujos principais temas sejam os Gêneros e as Sexualidades na Geografia. Isso é afirmado, pois quando analisamos cada universidade individualmente, em nenhuma delas há teses e dissertações sendo publicadas em todos os anos ou em uma sequência de mais de dois anos seguidos.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: 70, 2016. 279 p. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro, 2015.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980

BUTLER, J. **Bodies in Alliance and the Politics of the Street**. Transversal. European Institute for Progressive Cultural Politics. 2011.

\_\_\_\_\_. **Gender trouble**. Feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.



\_\_\_\_\_. Bodies in Alliance and the Politics of the Street. **European Institute for Progressive Cultural Policies**, v. 9, p. 1-29, 2011.

BROOKE, A.; TRUE, J. **Doing feminist research in political and social science**. Monash University. 2010.

BONDI, L. Gender and dichotomy. **Progress in Human Geography** 14(3): 438-445, 1992.

FOUCAULT, Ml. **Historie de la sexualité** 1: La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

GROSSI, M.; HEILBORN, M. L.; RIAL, C. **Entrevista com Joan Wallach Scott**. Revista Estudos Feministas. Vol.6, n.1/98.

HUBBARD, P. Geography and sexuality: why space (still) matters. **SEXUALITIES**, 21(8), 1295-1299, 2018

HUIZINGA, R P.; VAN HOVEN, B. Hegemonic masculinities after forced migration: Exploring relational performances of Syrian refugee men in The Netherlands. **Gender, Place & Culture**, p. 1-23, 2020.

JOHNSTON, L. Gender and sexuality I: Genderqueer geographies?. **Progress in Human Geography**, v. 40, n. 5, p. 668-678, 2016.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LINDO, P. O mapa da pesquisa de gênero na Geografia brasileira (2010 a 2019): Sistematização e análise. **Revista da ANPEGE**, [S.l.], v. 17, n. 32, p. 259 - 281, jul. 2021. ISSN 1679-768X. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12488>>. Acesso em: 02 set. 2021. doi:<https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.12488>.

MARTINS, M. L. S.. **Rios, estuários e mangues: a mulher na pesca artesanal**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão (SE), 2013. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/13803> Acesso em: 27 set. 2021.

McDOWELL, L.; SHARP, J. **A Feminist Glossary of Human Geography**. Londres: Arnold, 1999.

MEGID NETO, J. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental**. 1999. 114 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MILLET, K. **Sexual politics**. Chicago: University of Illinois Press, 2000.



MONEY, J.; HAMPSON J. G.; HAMPSON J. L. (1955). **Hermaphroditism:** Recommendations concerning assignment of sex, change of sex, and psychological management. Bulletin of the Johns Hopkins Hospital, 97, p. 284-300.

RATTS, A.; COSTA, B. P.; SILVA, J. M. ORNAT, M. J.; SILVA, M. G. N. M.; SILVA, S. M. V. Geografia e diversidade: gênero, sexualidades, etnicidades e racialidades. Revista Anpege. 2016.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CESAR, T.R. A. de O.; CHIMIN Junior, A. B. . Corpos e marcadores de desigualdades na análise geográfica: gênero, sexualidade e racialidade. In: Alex Ratts; Carmem Lúcia Costa; Kênia Gonçalves Costa; Vinicius Gomes de Aguiar. (Org.). **Gênero e diversidade na escola: espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero.** 1ed. Goiânia: CIAR, 2018, v. 1, p. 68-82.

SILVA, J. M; ORNAT, M. J; CHIMIN JR, A. BAPTISTA. **Geografias malditas. Corpos, sexualidades e espaços.** Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013.

SILVA, J. M; CESAR, T. R. A. O; PINTO, V. A. M. **Gênero e geografia brasileira:** uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. **Revista da Anpege**, [S.L.], v. 11, n. 15, p. 185-200, 2015. ANPEGE - Rev. <http://dx.doi.org/10.5418/ra2015.1115.0007>.

SILVA, J. M. **Geografias Subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.